

## A HISTÓRIA DO PENSAMENTO AMBIENTAL

*Alexandre Wagner Longhin<sup>1</sup>*

### RESUMO

Este artigo busca compreender a dinâmica que levou o tema da conservação ambiental às esferas da política e da economia na cultura da sociedade. Uma breve síntese da alteração na relação homem X natureza, partindo de um período cujas trevas eram frutos de uma natureza cruel, misteriosa e dominadora, aos momentos atuais onde tratados e encontros internacionais travam modelos de usos racionais, pois reconhecem a velocidade da degradação imposta pela humanidade com o qual absorve os recursos naturais e vitais a nossa própria existência a uma velocidade arrasadora. Tratamos o papel da televisão na compreensão dos atos e os fatos que comandaram no Brasil organizações para a conservação.

**Palavras-chave:** conservação ambiental, degradação, pensamento ambiental, história.

### ABSTRACT

This article seeks to understand the dynamics that brought the issue of environmental conservation to the spheres of politics and economics in the culture of society. A brief summary of the change in the man X nature, from a period whose blackness was the fruit of a cruel nature, mysterious and domineering, the current moments where treaties and international meetings wage models uses rational as they recognize the speed of degradation imposed by humanity with which absorbs natural resources and vital to our very existence to an overwhelming speed. We treat the role of television in the understanding of the acts and facts that commanded in Brazil conservation organizations.

**Keywords:** environmental conservation, degradation, environmental things, history.

### O Conceito de Conservação

Por séculos, a civilização ocidental se apropriou intensamente da natureza. Progredir foi, por muito tempo, dominar de forma indiscriminada os recursos naturais transformando a paisagem natural em humanizada. O homem construiu cidades, estradas e campos cultivados utilizando técnicas que se superpõe no mesmo espaço. Modificou-o, constantemente, para atender os anseios desta civilização, a começar pela agricultura.

Há apenas poucos séculos, a mera idéia de resistir à agricultura, ao invés de estimulá-la, parecia ininteligível. Como teria progredido a civilização sem a limpeza das florestas, o cultivo do solo e a conversão da paisagem agreste em terra colonizada pelo homem? [...] A tarefa do homem, nas palavras do Gênesis, era de ‘encher a terra e submetê-la’: derrubar matas, lavar o solo,

---

<sup>1</sup> Licenciado em Geografia, especialista em Análise Ambiental e Mestre em História Social -USS. Professor do Centro Universitário Geraldo Di Biase.

eliminar os predadores, matar insetos nocivos, drenar pântanos. A agricultura estava para a terra como o cozimento para a carne crua. Convertia natureza em cultura. Terra não cultivada significava homens incultos.<sup>2</sup>

Desde o período medieval já eram praticadas, na Europa, medidas para preservar algumas espécies. Estas medidas buscavam impedir a ocorrência de uma matança indiscriminada, o que permitiu que animais raros recebessem atenção. Porém, até o século XVII, a natureza era vista de forma pragmática, utilitária, ela existia para ser cultivada, alimentar a pecuária e atender outras atividades como o extrativismo mineral e vegetal, a caça para extração de pele e marfim, etc. Somente no século seguinte a relação entre o homem e a natureza se transforma, pois a criação de esquemas classificatórios, organizados, sofre mudanças e através de específicas características biológicas e minerais, passa a agregar conhecimentos sobre o fato de a humanidade utilizar, ou não, cada recurso investigado.<sup>3</sup>

Paralelamente a este crescente interesse, surge uma visão romântica influenciada por filósofos, escritores como Jean-Jacques Rousseau<sup>4</sup> criador da expressão o “bom selvagem”, associando a pureza do mundo natural com a da alma dos ameríndios. Esta visão romântica da natureza passaria a intervir na decisão de delimitar as primeiras áreas naturais protegidas, onde os homens poderiam admirar uma natureza intocada e encontrar um ambiente que já naquele tempo, estava distante do meio urbano.<sup>5</sup>

Para os europeus que iniciavam os primeiros ensaios para o conservacionismo, muito mais que resguardar particulares razões utilitárias, a “pureza” de algumas áreas do mundo natural, passaria a ser defendida de todas as possíveis ações destrutivas provocadas pelo homem. Por ironia, a primeira área a ser oficialmente protegida não ocorreu na Europa, cujos espaços naturais passaram a ser valorizados, e sim nos Estados Unidos, na criação do Parque Nacional de Yellowstone, em 1872.<sup>6</sup>

Os tempos passaram e as alterações ao Meio Ambiente foram ainda mais drásticas. Mesmo com as inúmeras áreas protegidas demarcadas em todos os lugares do mundo, há cada vez menos áreas a salvo das ações de destruição. Os atuais meios de produção e de consumo

---

<sup>2</sup> THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 17.

<sup>3</sup> MAGNOLI, Demétrio. ARAÚJO, Regina. *Projeto de ensino de geografia*. São Paulo: Moderna, 2001. p. 254.

<sup>4</sup> Jean- Jacques Rousseau, filósofo francês, precursor do movimento romântico. Afirmava que os homens não são feitos para viver amontoados, pois quanto mais se juntam mais se corrompem. Para ele, a cidade era o abismo da espécie humana.

<sup>5</sup> MAGNOLI, Demétrio. ARAÚJO, Regina. *Projeto de ensino de geografia*. São Paulo: Moderna, 2001. p. 255.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 256.

criaram junto com um padrão dominante como modelo, cuja meta é a maximização dos lucros e o entendimento de que a natureza deva servir apenas como fonte de energia e matéria-prima, recaindo sobre esta, o peso da manutenção deste modelo.

Uma das grandes polêmicas que se tem questionado neste início do século XXI é quanto à capacidade de suporte do Capital Natural em sustentar o padrão de consumo e o uso dos recursos naturais. Hoje ultrapassamos a barreira dos sete bilhões de habitantes e sabemos que uma pequena parcela desta população é rica e convive com uma necessidade bastante elevada destes recursos, tanto em fonte de energia como em matéria-prima. Não haveria suporte por parte da natureza, em suprir tantas necessidades por muito tempo que criamos, e em tão pouco tempo. O fato é que a reposição dos recursos naturais ou é muito mais lenta que o ritmo de exploração, ou nem há como haver a reposição. Afinal alguns produtos são incapazes de serem renováveis.

O projeto de crescimento material ilimitado, mundialmente integrado, sacrifica 2/3 da humanidade, extenua recursos da Terra e compromete o futuro das gerações vindouras. Encontramo-nos no limiar de bifurcações fenomenais. Qual é o limite da suportabilidade do super-organismo Terra? Estamos rumando na direção de uma civilização do caos?<sup>7</sup>

Há na mídia reflexos importantes para um desejo de mudança na direção da sustentabilidade. Mas o exercício da visão sistêmica – ou a compreensão de que o universo se revela como uma rede de fenômenos interligados e interdependentes – ainda não se disseminou o suficiente para que possamos entendê-lo como uma ferramenta importante para a compreensão da realidade. Estamos falando de um olhar ecológico, sistêmico, inter-relacional, que revela o cenário apocalíptico descrito pelos cientistas quando analisam a depredação sistemática desses recursos fundamentais à vida.<sup>8</sup>

Procurando agir sobre diversas formas, sob diferentes magnitudes e em momentos históricos distintos, a humanidade escolheu conjuntos naturais para fixar e explorar seus recursos.<sup>9</sup> O resultado deste frenético avanço resulta na busca por elementos dispersos no ambiente, onde se propagam técnicas específicas de exploração, implicando, necessariamente, em intervenções antrópicas, agindo sempre de modo a desequilibrar todo um ecossistema.

<sup>7</sup> BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 17.

<sup>8</sup> TRIGUEIRO, André. *Mundo sustentável: abrindo espaços na mídia para um planeta em transformação*. São Paulo: Globo. 2005. p. 7.

<sup>9</sup> DANTAS, Marcelo E & COELHO NETTO, Ana L. *O impacto do ciclo cafeeiro na evolução da paisagem geomorfológica do Médio Vale do Rio Paraíba do Sul*. p. 65.

Assim, esta forma de ação sobre o ambiente natural envolve situações que não estão somente relacionados com a qualidade e disponibilidade de água, terra e ar. Há por detrás um conjunto de interesses criados pelo homem “moderno” na sua própria forma de ser. Hoje, entendemos que a ingerência do sistema dominante pode repercutir negativamente às gerações futuras, devido à incapacidade do Capital Natural em prover as condições mínimas de sustentação. Uma vez desfalcada a natureza de sua capacidade de regeneração, passa a existir um risco na manutenção do sistema econômico de produção dominante.

Tendo em vista este cenário atual de crise nas diferentes dimensões, econômica, política, cultural, social, ética e ambiental (no sentido biofísico da palavra), uma parcela da sociedade acabou sendo envolvida por uma discussão sobre a relação educação-meio ambiente. Tal discussão repercutiu em muitos países, especialmente os mais desenvolvidos, a necessidade de atitudes que evitem uma crise ambiental capaz de impedir a existência de todas as formas de vida.

A gravidade desta crise ambiental resultou em mobilizações internacionais para buscar soluções. Movimentos de protestos ocorreram nas ruas, defronte a indústrias poluidoras e nas perigosas usinas atômicas, mas nada foi mais marcante que as imagens e mobilizações contrárias às caças a baleia e as focas no norte do Canadá. A consequência foi a criação de fóruns para debate científico e maior envolvimento popular sobre a questão na busca por um modelo de desenvolvimento sustentável, que proporcionasse associar desenvolvimento econômico com preservação do meio ambiente.

A segunda metade do século XX forneceu um modelo de desenvolvimento preocupante e, em 1968, na Conferência do Clube de Roma, cientistas, economistas e altos funcionários governamentais, com a finalidade de interpretar este “modelo” praticado na exploração dos recursos naturais, reúnem-se para investigar cinco grandes tendências globais: a industrialização acelerada, a rápida expansão demográfica, a destruição generalizada das florestas e dos oceanos, o esgotamento dos recursos naturais não-renováveis e a deterioração ambiental.<sup>10</sup>

Em termos mundiais, a discussão tomou maior fôlego na década de 70, quando manifestações populares nos Estados Unidos e na Europa defendiam o fim da Guerra do Vietnã (1957-75)<sup>11</sup>,

---

<sup>10</sup> MAGNOLI, Demétrio. *O mundo contemporâneo*. São Paulo: Atual, 2004. p. 193.

<sup>11</sup> As imagens dos horrores desta guerra chegaram aos lares dos norte-americanos pelas tv's e jornais. Realçava comunidades pastoris sendo dizimadas por bombas incendiárias, florestas eliminadas por produtos químicos

um maior controle das indústrias poluidoras e o fim da caça de baleias, elefantes e focas. No Brasil, uma década após, problemas relacionados à poluição atmosférica alarmante da região da grande São Paulo levaram grupos organizados como as ONG's Pró-Juréia e S.O.S. Mata Atlântica (1986) a pleitear, junto a população e lideranças políticas e empresariais, um maior rigor na fiscalização, no controle e na conservação ambiental, estabelecendo áreas de patrimônio natural salvaguardando a biodiversidade local. Dentre estes problemas relacionados à questão atmosférica estão: a excessiva poluição da represa Billings; as mortes e má formação dos bebês que nasciam com uma espécie de atrofia encefálica, cujas mães moravam próximas do pólo industrial de Cubatão, SP, local de grandes indústrias poluentes; a preocupante escolha do governo militar de construir uma usina nuclear na Juréia, litoral sul de São Paulo, uma área que mantém a maior reserva da Mata Atlântica no Estado.

O resultado mais nítido constatou-se na Constituição de 1988 que inseriu várias competências, inclusive de promover a Educação Ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente – artigo 225, parágrafo 1º, inciso VI.<sup>12</sup>

A emergência de uma “consciência preservacionista” na esfera ambiental se consolidou na década de 1980, mas essa mobilização não partiu do Estado como ocorreu com o patrimônio histórico durante a Revolução Francesa, no século XVIII. Pelo contrário, o movimento em prol do direito e da proteção ao meio ambiente se irradiou através da comunidade científica e acabou difundido entre organizações não-governamentais que passaram a reivindicar melhor “qualidade de vida” no planeta.<sup>13</sup>

A rápida deterioração ambiental que o mundo passaria a constatar no final do século XX, com as notícias alarmantes sobre o buraco na camada de ozônio e o aquecimento global, serviria para provocar encontros como da “II Conferência Geral das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Humano”, em 1992, no Rio de Janeiro. O resultado foi à criação de estratégias políticas de desenvolvimento por parte dos governos e a formação de redes de cooperação internacional para o desenvolvimento sustentável como meta para o século XXI, chamada de “Agenda 21”.

---

altamente tóxicos e principalmente, o número de soldados americanos mortos, vítimas de uma guerra cujas intenções sobre aquele território tão distante não estava bem clara a população.

<sup>12</sup> GUIMARÃES, Mauro. *Educação Ambiental: no consenso um embate?* Campinas – SP: Papyrus, 2000. p. 16.

<sup>13</sup> FONSECA, Maria Cecília. *O mito do paraíso desabitado*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. MEC, n. 24, 1996, p. 159.

O Brasil, apesar de não estar entre os países ricos e desenvolvidos, apresenta um quadro de contrastes na questão ambiental. Ao mesmo tempo em que possuímos diferentes ecossistemas dentro de um vasto território com grande biodiversidade, somos também grandes consumidores e destruidores dos recursos naturais. A baixa capacidade que temos em conservar nossos recursos naturais nos acompanha desde a colonização, e a falta de conhecimento por parte da população sobre os valores destes recursos, acaba por comprometê-los demasiadamente. Parece que a abundância dos recursos espalhados sobre o grande território, ajudou a criar um conceito na população que menospreza, até hoje, o sentido da conservação.

Para melhor compreendermos os processos de uso e empobrecimento dos recursos naturais no Brasil, passaremos a diagnosticar os efeitos da degradação ambiental no Médio Vale do Paraíba, buscando nos mais variados processos históricos, naturais e humanos desta região ações que respondam como a degradação traçou esta paisagem, caracterizada hoje por extensas áreas de pastagens com manchas isoladas de capoeiras, plena de processos erosivos entre os morros.<sup>14</sup>

Um retrato triste de abandono da sociedade rural e da produtividade agrícola, situação completamente antagônica de 100 anos atrás.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICA

- AB'SABER, Aziz N. **Os domínios de natureza no Brasil**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- AMARAL, Luís. **História Geral da Agricultura Brasileira, no tríptico aspecto político-social-econômico**. São Paulo: Ática, 1980. Col. Brasiliana, V. 3.
- AZEVEDO, Luiz Corrêa de. **Da cultura do café. Memória sobre a fundação e custeio de uma fazenda na província do Rio de Janeiro em 1877**. Brasília: Senado Federal, 1985.
- BARRON, Roderick. **Antiche Carte Geográfiche**. Traduzione italiano Claudia Gualtieri. Londres – Inglaterra: Bracken Books. 1989.
- BITTAR, Omar. Y. **Meio Ambiente e Geologia**. São Paulo: SENAC, 2004.
- BRITO, Maria Cecília W. de. **Unidades de Conservação: intenções e resultados**. São Paulo: Fapesp & Annablume, 2000.
- CABRAL, Diogo de Carvalho. Produtores rurais e indústria madeireira no Rio de Janeiro do final do século XVIII. **Ambiente & Sociedade**. Rio de Janeiro v. 7, n. 2 jul./dez., 2004 UFRJ.

---

<sup>14</sup> DANTAS, Marcelo E. & COELHO NETTO, Ana L. *O impacto do ciclo cafeeiro na evolução da paisagem geomorfológica do Médio Vale do Rio Paraíba do Sul*. p. 66

CANABRAVA, Alice Piffer. **História econômica: estudos e pesquisas.** São Paulo: Hucitec – Unesp, 2005.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação do seu espaço de vida.** Rio de Janeiro: Livraria Jose Olympio.1964.

CASTRO, Carlos. **A gestão florestal no Brasil colonial.** UNB. Brasília. 2002

DEAN, Warren. **A Ferro e Fogo: A história da devastação da Mata Atlântica brasileira.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. A interiorização da metrópole. In: Mota, Carlos Guilherme. (ORG). **1822: dimensões.** São Paulo: Perspectiva, 1972.

DORST, Jean. **Antes que a natureza morra.** São Paulo: Edgard Blücher, 1973.

DREW, David. **Processos Interativos Homem Meio Ambiente.** São Paulo: Difel, 1986.

DRUMMOND, José Augusto. **Devastação e Preservação Ambiental no Rio de Janeiro.** Niterói – RJ: Eduff, 1997.

\_\_\_\_\_. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisas. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991, pp. 177 – 197.

EISENBERG, Peter L. **A Mentalidade dos Fazendeiros no Congresso Agrícola de 1878.** Petrópolis: Vozes, 1980.

EKINS, Paul. *The Concept of Environmental Sustainability.* In: **Economic Growth and Environmental Sustainability.** London and New York: Routledge, 2000. (Capítulo 4).

FARIA, Sheila S. de Castro. Fortuna e Família em Bananal no século XIX. In: CASTRO, Hebe Maria Mattos de; SCHNOOR, Eduardo. (org.) **Resgate: uma janela para o Oitocentos.** Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

GUERRA, Antonio J. T.& ARAÚJO, Gustavo H. & ALMEIDA, Josimar R. de. **Gestão ambiental de áreas degradadas.** Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2005.

GUIMARÃES, Mauro. **Educação Ambiental: no consenso um embate?** Campinas – SP: Papirus, 2000.

LAMEGO, Alberto. **O Homem e a Serra.** Rio de Janeiro: IBGE, 1950.

LE GOFF, Jacques. **O clima.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia.** São Paulo: Edusp, 1986.

LEINZ, V. & AMARAL, S. E. **Geologia Geral.** São Paulo: Nacional. 1975.

LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental.** São Paulo: Cortez, 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

LIMA, Ruy Cirne. **Pequena história territorial do Brasil: Sesmarias e terras devolutas.** RS: Ed. Sulina. 1954.

LINHARES, Maria Yedda e SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **Terra Prometida: uma história da questão agrária no Brasil.** Rio de Janeiro: Campus, 1999.

LITTLE, Paul. **Políticas ambientais no Brasil.** São Paulo: Petrópolis, 2003.

MACHADO, Humberto F. **Escravos, Senhores e Café: a Crise da Cafeicultura Escravista do Vale do Paraíba Fluminense: 1860-1888.** Niterói: Cromos, 1993.

---

MAGNOLI, Demétrio. ARAÚJO, Regina. **Projeto de ensino de geografia**. São Paulo: Moderna, 2001.

\_\_\_\_\_, Demétrio. **O mundo contemporâneo**. São Paulo: Atual, 2004.

MAXWELL, Kenneth. **A Devassa da Devassa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

McCORMICK, John. **Rumo ao paraíso: a história do movimento ambientalista**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

MUNIZ, Célia Maria Loureiro. **Os donos da terra: um estudo sobre a estrutura fundiária do Vale do Paraíba Fluminense no séc. XIX**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 1979.

PÁDUA, José Augusto. **Um Sopro de Destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. **Ecologia e Política no Brasil**. Rio de Janeiro: Espaço & Tempo/Iuperj, 1987.

PEREIRA, Maria Juvanete F. C. História Ambiental do Café no Rio de Janeiro – século XIX. Simpósio Nacional de História 23. Londrina. **Anais...** Simpósio Nacional de História. Londrina: ANPUH, 2005. Disponível em: <http://www.anpuh.org/anais/?p=14033>

POPP, José Henrique. **Geologia Geral**. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1945.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SOFFIATI, Arthur. **Destruição e proteção da Mata Atlântica no Rio de Janeiro: ensaio bibliográfico a cerca da eco-história**. Niterói: UFF/PPGHIS, 1997.

TAUNAY, Carlos Augusto. **Manual do Agricultor Brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

WERNECK DE CASTRO, Moacir. Org. **No tempo dos barões: histórias do apogeu e decadência de uma família fluminense no ciclo do café**. Rio de Janeiro: Bem-te-vi Produções, 2004.

WOSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Estudos Históricos - UFRJ**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 1991.

ZALUAR, Augusto Emílio. **Peregrinação pela Província de São Paulo (1860 – 1861)**. São Paulo: Edições Cultura, 1943.

UGB  
FERP